

A geopolítica por trás do conflito da Ucrânia: a ocupação russa e os interesses dos Estados Unidos na Europa

Anna Leticia Gomes de Azevedo

da Universidade Federal de Goiás - Goiânia - Goiás - Brasil
annaazevedo@discente.ufg.br

Camilo Pereira Carneiro Filho

da Universidade Federal de Goiás - Goiânia - Goiás - Brasil
camilo.pereira@ufg.br

Resumo: Em 24 de fevereiro de 2022 teve início a ocupação russa do território ucraniano, tema de extrema complexidade que passou a ser apresentado maniqueisticamente pela imprensa ocidental como a “Guerra de Putin”, versão que é parte de uma estratégia midiática que esconde os interesses de grandes grupos do setor energético, sobretudo dos Estados Unidos, que disputam com empresas russas o mercado internacional de energia. Face à desinformação reinante na mídia e à complexidade do tema, o presente trabalho traz uma análise do conflito ucraniano a partir da Geografia Política e da Comunicação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pautada em análise bibliográfica, enriquecida com cartografia temática elaborada pelos autores com o software ArcGIS.

Palavras-chaves: Ucrânia; Geopolítica; Rússia; União Europeia; OTAN.

Introdução

A Ucrânia é um território estratégico dentro da histórica região batizada de *Heartland* pelo geopolítico Halford J. Mackinder (1861–1947), sendo atualmente palco de uma disputa geopolítica que envolve os interesses da Rússia em busca da restauração de seu prestígio como potência internacional de primeira ordem, de um lado e, de outro, os interesses dos Estados Unidos na Europa (em especial os interesses de empresas estadunidenses dos setores de energia e de armas). De acordo com Chomsky (REMARKS... 2014), tais interesses não recairiam apenas sobre o mercado europeu, como também sobre o mercado mundial.

Dessa forma, a estratégia dos EUA foi iniciar uma guerra híbrida levada adiante por meio da divulgação de *fake news*, de campanha midiática e do golpe de Estado de 2014 na Ucrânia, que derrubou o governo pró-Rússia e colocou no poder um governo

pró-União Europeia e OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) (MARTIN, 2019).

Nesse sentido, uma das principais causas por trás da ocupação russa do território ucraniano, que teve início em 24 de fevereiro de 2022, foi a tentativa de expansão da OTAN em direção à Ucrânia. Segundo o presidente Putin, conter a expansão da OTAN em direção às fronteiras russas é uma questão de vida ou morte para o país. Na realidade, a inclusão de vizinhos da Rússia na OTAN é uma tentativa dos EUA e das potências europeias de cercar o território russo, sendo que a entrada da Ucrânia na OTAN seria uma real ameaça à Rússia, uma vez que o território ucraniano poderia abrigar tropas dos EUA e receber armas nucleares e mísseis direcionados ao território russo.

Face ao exposto, o presente artigo traz uma análise geopolítica do conflito ucraniano, que tem como pano de fundo os interesses da maior potência do planeta, que além da liderança da economia mundial (1º lugar no ranking de PIB nominal em 2022), abriga as sedes da maioria das multinacionais e configura o principal produtor de armas, tecnologia e inovação, controlando ainda a internet global (por meio da IANA e da ICANN).

No tocante à metodologia, inicialmente, o texto apresenta o histórico das relações entre Rússia e Ucrânia, analisando os territórios ucranianos com população russófona. Na sequência, é abordada a composição político-social da Ucrânia, com destaque para os movimentos neonazistas. Por fim, o trabalho reflete a teoria de Mackinder à luz da geopolítica da Rússia e o cerco da OTAN sobre o país. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, básica, pautada em análise bibliográfica, sob a ótica da Geografia Política e da Comunicação.

O histórico das relações entre Rússia e Ucrânia

As relações entre Rússia e Ucrânia iniciaram há mais de três séculos. Próxima pela língua e pela religião (cristã-ortodoxa), a Ucrânia passou a estar integrada à Rússia em 1654, quando os cossacos do Rio Dniepre, em luta contra os poloneses, selaram uma aliança com o czar russo Alexei Mikhailovich. O quase-Estado (Ucrânia) que se formou a partir das vitórias dos cossacos foi batizado de “Hetmanato” e seus líderes concordaram em se submeter à soberania do czar russo, resultando na assinatura do Tratado de Pereslavia, nome da cidade ucraniana onde foi assinado (FRANÇA, 2014).

Três séculos depois, para comemorar o referido episódio, em 1954, o líder soviético Nikita Khrushchov, de origem ucraniana, transferiu por meio de um decreto

parte do território da República Soviética da Rússia (a Crimeia) para a República Soviética da Ucrânia (VISENTINI, 2017). O episódio não surtiu grandes impactos, tendo em vista que o território permanecia dentro da União Soviética. Contudo, em dezembro de 1991, com a crise na União Soviética, a população ucraniana optou pela independência em um referendo que teve 90% de “sim” para a questão. Esse referendo, convocado pelo então presidente Gorbachev, não se restringiu à pergunta formulada pelo governo soviético, a qual versava sobre a possibilidade de se fundar uma nova federação. Na ocasião, foi perguntado também se dentro de uma eventual nova organização política, a Ucrânia deveria ser uma entidade soberana, o que aproximaria a instituição de uma união entre Estados, afastando-a do federalismo. O resultado do referendo foi ambíguo, 70,5% dos ucranianos votaram pela construção de uma nova instituição federativa, e 80,2% dos manifestaram o desejo de soberania para a Ucrânia (FRANÇA, 2014).

Dessa forma, foi demonstrado no final do século XX que os ucranianos já ansiavam não somente pela independência do Hetmanato como um país, mas também como uma nação soberana. Cabe recordar que a Ucrânia desejava um status equivalente ao da Rússia no período da URSS, e havia jogado com o nacionalismo. Em 1991, apesar do surgimento da Ucrânia independente, essa soberania não foi alcançada plenamente, uma vez que o novo Estado ainda dependia de importantes relações comerciais com a Rússia (VISENTINI, 2017).

Nos anos seguintes ao fim da URSS, com o alargamento da União Europeia, a Ucrânia passou a se aproximar desta, o que foi de encontro aos interesses russos (MARCHAND, 2007). Conciliados por proteção em um primeiro momento, o que possibilitou posteriormente uma aproximação em termos de cultura, língua, religião e economia, com o tempo, a relação entre Rússia e Ucrânia passou a ser caracterizada por uma dualidade marcada por uma aliança que oscila entre a defesa dos interesses russos e um afastamento em direção à União Europeia e à OTAN.

Adam (2008) recorda que, já no início do século XXI, um momento emblemático marcaria o histórico dos dois países. No ano de 2004 ocorreu a Revolução Laranja, um dos maiores acontecimentos políticos do *Complexo Regional de Segurança* formado pelas ex-repúblicas socialistas soviéticas, que configurou um paradigma das divergências regionais e identitárias da política ucraniana e dos efeitos destas nas relações exteriores do país. A deflagração do movimento revolucionário ocorreu em virtude das alegações de fraude nas eleições presidenciais de 2004. No primeiro turno do pleito, o candidato oposicionista Viktor Yushchenko, ex-primeiro-ministro de Kuchma, apoiado por uma

coalizão que defendia uma maior aproximação ucraniana com as potências ocidentais, recebeu 39,9% dos votos. Seu adversário, Viktor Yanukovich, primeiro-ministro de Kuchma, que advogava pelo estreitamento de laços com a Rússia, recebeu 39,3% dos votos.

O resultado do pleito no segundo turno surpreendeu os ucranianos, uma vez que Yanukovich recebeu 49,5% dos votos, sendo assim declarado vencedor da eleição. Esse resultado foi atribuído à ocorrência de fraude eleitoral no leste do país. Nesta região, foco do apoio a Yanukovich, a presença de votantes no segundo turno foi muito superior à média nacional (80,9%). Já na região de Donbas, mais próxima da Rússia, houve um acréscimo de votos para Yanukovich que lhe garantiu a vitória nas eleições (ADAM, 2008).

Nesse cenário, a Rússia reconheceu o resultado da eleição, posição diferente da adotada por países ocidentais e pela Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (fato que derivou, no dia 22 de novembro de 2004, no movimento popular que ficou conhecido como Revolução Laranja). As potências ocidentais deslocaram políticos de peso para exigir um novo pleito, interferindo no resultado das eleições. Entre os representantes estava a Secretária de Estado dos Estados Unidos, Condoleezza Rice. Dessa forma, em 3 de dezembro do mesmo ano, o pleito foi anulado e uma nova votação foi marcada para o dia 26 daquele mês. Neste pleito, Yushchenko saiu vitorioso com 51,8% dos votos contra 44,1% de Yanukovich, favorecendo o estreitamento de laços da Ucrânia com a União Europeia e desfavorecendo o candidato pró-Rússia, acentuando um distanciamento entre os países (FRANÇA, 2014).

Já no ano de 2008, ocorreu a Cúpula de Bucareste, ocasião na qual a OTAN afirmou que a Geórgia e a Ucrânia fariam parte da organização. Desde então a OTAN tem reforçado essa participação dos dois países. Entretanto, na Geórgia existem grupos étnicos próximos aos russos que foram fortemente atacados pelo governo georgiano, o que levou a Rússia a invadir o país e ocupar as regiões separatistas da Abkházia e da Ossétia do Sul, iniciando o movimento russo de ocupação dos territórios separatistas com população russófona, ou descendente, situação que derivou posteriormente na anexação da Crimeia, em 2014 (MIELNICZUK, 2022).

Outro ponto a ser ressaltado é o fato de a Ucrânia possuir estreita relação econômica com a Rússia, sendo que em 2006 aproximadamente 70% do petróleo e 90% do gás natural consumidos no país foram fornecidos pela Rússia. Em contrapartida dessa dependência, a Ucrânia impôs o aumento de tributos à Rússia pela passagem dos

gasodutos russos em território ucraniano. Nesse viés, o país passou a usar sua localização geográfica para manobrar com a Rússia (MIELNICZUK, 2006).

Na guerra de narrativas sobre a questão ucraniana, os interesses dos EUA, bem como os dos membros da OTAN e da UE têm sido defendidos por uma imprensa internacional - a imprensa ocidental - caracterizada pelo protagonismo de um reduzido grupo de agentes midiáticos. Nesse sentido, Esperidião (2011) afirma que Associated Press (EUA), Reuters (Reino Unido), Agence France-Presse (França) e EFE (Espanha) controlam entre 70% e 90% das notícias distribuídas aos veículos de comunicação do planeta. Esses gigantes da mídia possuem jornalistas em praticamente todos os países do mundo, produzindo um conteúdo que é reproduzido por outros veículos de comunicação em nível global.

Composição social e política da Ucrânia

A divisão interna da Ucrânia é produto de um processo transformador no qual pelo menos três conjunturas específicas podem ser fixadas. Primeiro, as referências eslavas comuns compartilhadas com a Rússia, começando no proto-Estado da Rússia de Kiev (862/882 a 1132/1240). Segundo, a fragmentação entre a civilização ocidental e a ortodoxa, fruto da influência dos vários impérios (tártaro, russo e polaco-lituano). Finalmente, o desenvolvimento de curta duração do nacionalismo ucraniano durante o século XIX e sua subsequente anexação ao projeto bolchevique, que em 1922 se tornou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (SECHAGUE, 2019).

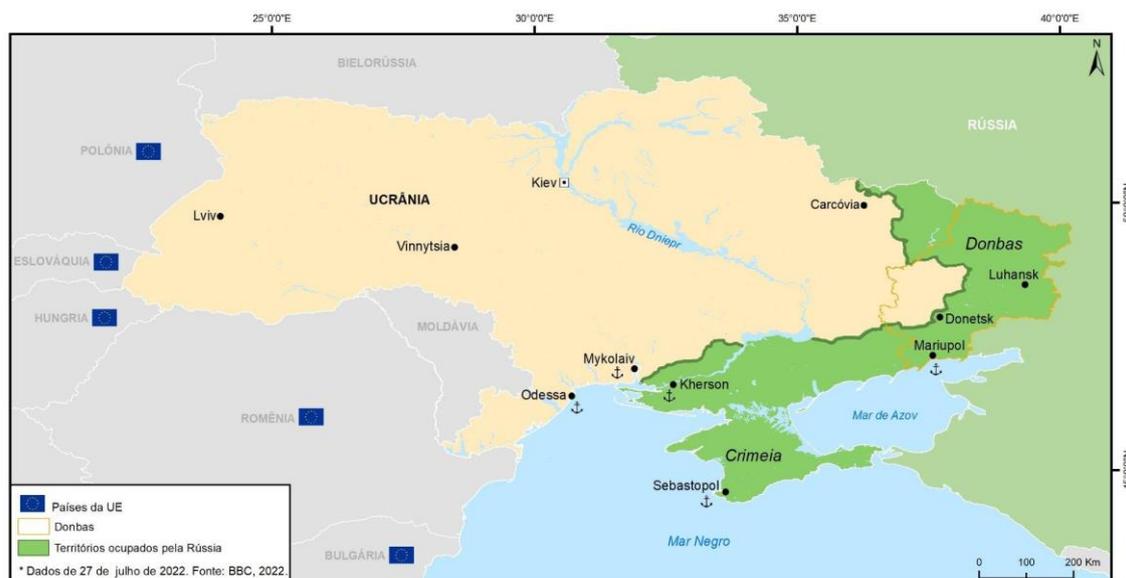
A composição étnica da Ucrânia está intimamente ligada à Rússia. Corroborando tal entendimento, Mielniczuk (2006) afirma que dos 50 milhões de habitantes do país, 25 milhões falam russo como primeiro idioma e mais de 10 milhões são originários da Rússia. Essa "grande" minoria russa se concentra nas regiões leste e sul da Ucrânia, exatamente na parte que faz fronteira com a Rússia.

Os territórios ucranianos com população russófona e o separatismo

Em 12 de fevereiro de 2014 o “quarteto da Normandia” (Alemanha, Rússia, França e Ucrânia) assinou os Acordos de Minsk, que previam a retirada de tropas russas do leste da Ucrânia e o cessar-fogo completo. Porém, representantes de Donetsk e Luhansk afirmaram que Kiev violou os acordos. O crescimento das tensões entre os governos da Ucrânia e da Rússia, fomentadas pela estratégia estadunidense de implantar

uma guerra híbrida usando sua influência na OTAN e na União Europeia, alcançou seu ápice no governo do comediante Volodymyr Zelensky, um fantoche nas mãos de Washington.

O governo russo, se vendo sem saída, deu início ao que denomina oficialmente de “operação especial na Ucrânia”, iniciada em fevereiro de 2022 e que resultou na ocupação de territórios ucranianos localizados nos *oblasts*¹ de Zaporíjia, Kherson, Carcóvia, Luhansk e Donetsk (estes dois últimos compõem a região industrial do Donbas). Assim, a Crimeia, controlada desde 2014, passou a estar conectada ao restante do território russo (Mapa 1).



Mapa 1 - Territórios ucranianos ocupados pela Rússia (situação em 27 de julho de 2022)
Fonte: BBC (2022). Elaborado pelos autores (2022).

Os territórios anexados no litoral ucraniano aproximaram a Rússia da região separatista da Transnístria, localizada na Moldávia e habitada por populações de origem russa. O que acaba por pressionar os *oblasts* de Odessa e Mykolaiv, áreas remanescentes no litoral ucraniano (ao menos até o início de agosto de 2022, quando da conclusão deste artigo).

O neonazismo na Ucrânia

Desde meados de abril de 2013 a Ucrânia começou a realizar uma operação militar para atacar as forças independentistas no leste do país. Estas não reconheciam a legitimidade das novas autoridades ucranianas que chegaram ao poder após o golpe de

¹ A Ucrânia é dividida em 24 unidades políticas, denominadas *oblasts*.

Estado ocorrido em Kiev em 2014². A referida operação militar contou com um grupo de paramilitares que atuou na região costeira do Mar de Azov, esse grupo viria a ser conhecido como o Batalhão Azov e ganhou certo protagonismo nos últimos anos.

O Batalhão Azov se formou como uma milícia voluntária em maio de 2014, sendo que sua primeira experiência de combate foi a recaptura da cidade de Mariupol de grupos separatistas pró-Rússia em junho daquele ano. Em 12 de novembro de 2014, todos os membros do Batalhão Azov se tornaram soldados contratados da Guarda Nacional da Ucrânia. Em 2014, o regimento ganhou notoriedade após denúncias de tortura e crimes de guerra, bem como simpatias neonazistas e uso de símbolos associados pelo regimento.

Por sua vez, Garcia (2022) destaca que a Ucrânia tem um problema com grupos extremistas, uma vez que estes são compostos por pessoas que emergiram de posições subalternas para uma posição de legitimidade e visibilidade institucional. Fato que aconteceu após os protestos de 2013 e 2014, resultando na derrubada do presidente pró-Rússia, mas também na desagregação do Estado ucraniano.

O filme *Winter on Fire*, de 2015, é a versão ocidental do golpe de 2014 na Ucrânia. No filme, que é distribuído pela Netflix, não é revelado que a estampa na camisa de Dmytro (menino que aparece na foto publicitária do filme) é o rosto de Stepan Bandera, um líder ucraniano do século XX que chefiou a Organização de Nacionalistas Ucranianos, grupo de extrema-direita que colaborou ativamente com os nazistas a partir de 1941, inclusive no assassinato de judeus e poloneses.

Criada em 1929, a Organização de Nacionalistas Ucranianos (OUN) iria se dividir em duas organizações rivais em 1938: a OUN-M e a OUN-B. Esta última era liderada por Stepan Bandera, que levou o nacionalismo ucraniano a uma aliança com os nazistas na Segunda Guerra, em prol da independência da Ucrânia contra a União Soviética.

Todavia, os países da UE e os EUA têm omitido o apoio dado a simpatizantes do neonazismo na Ucrânia no conflito atual com a Rússia. Nesse sentido, o golpe de Estado sofrido pelo governo da Ucrânia em 2014 é descrito pela mídia ocidental como “Revolução da Dignidade”. Enquanto veículos como a Wikipédia trazem esta narrativa, os acontecimentos ocorridos na Ucrânia em 2014 são apresentados com uma versão diferente no documentário do cineasta Oliver Stone, *Ukraine on Fire*, que retrata os

² O golpe de Estado ocorrido na Ucrânia em 2014 foi desencadeado a partir de um conjunto de manifestações violentas na praça Maidan, em Kiev, que ficou conhecido como Euromaidan. Essas manifestações se intensificaram rapidamente, levando à deposição de Yanukovytch e à instalação, alguns dias mais tarde, de um governo interino, apoiado por grupos de diferentes matizes políticos, a maioria anticomunistas, unidos contra a influência russa.

referidos episódios como um golpe de Estado. Além disso, o golpe de 2014 teve envolvimento e apoio explícito de políticos e representantes estadunidenses nos protestos (que ficariam conhecidos como Euromaidan). Entre eles, o ex-candidato à presidência e então senador republicano, John McCain.

A geopolítica da Rússia e a teoria de Mackinder

Correia (2010) afirma que o contributo de Mackinder para a estratégia do *containment* durante a Guerra Fria foi inegável e, dessa forma, esse viria a ser um dos profetas para a constituição da OTAN. Por sua vez, o fim do sistema comunista representou uma enorme perda de poder e prestígio para a Rússia. A economia de mercado foi implantada no país sob sua forma mais selvagem.

Ainda que seguisse temendo o poder militar dos EUA e se sentindo encurralada face à expansão da OTAN e a ampliação da UE, a partir da virada do século XX para o século XXI a Rússia passou a não aceitar mais ser tratada como desimportante, haja vista suas enormes reservas de petróleo e gás (BONIFACE; VÉDRINE, 2009b).

Assim, com a eleição de Vladimir Putin, em 2000, pela primeira vez, desde 1992, o orçamento de defesa da Rússia foi aumentado. Em 2003, as forças armadas russas receberam seu primeiro caça novo desde 1992. Nos anos seguintes, foram adquiridos caças Sukhoi-34, além de ser retomada a produção de submarinos nucleares e o desenvolvimento de mísseis balísticos (MARCHAND, 2007).

Cabe recordar que após o desaparecimento da União Soviética, em 1991, a Rússia e a Ucrânia passaram a cooperar sem maiores problemas na questão das armas nucleares soviéticas armazenadas em território ucraniano, que foram atribuídas à Rússia. A situação começou a se deteriorar em 2005, quando o presidente Putin, em meio ao aumento dos preços mundiais de energia, procurou restaurar um certo poder da Rússia em um momento que a Revolução Laranja levou ao poder na Ucrânia o pró-ocidental Viktor Yushchenko em detrimento do candidato pró-russo Viktor Yanukovich (BONIFACE; VÉDRINE, 2009a).

Anos depois, o público leigo, não conhecedor da Geopolítica, surpreendeu-se quando o governo da Ucrânia foi deposto em 2014, a partir de manifestações de rua contra o presidente Yanukovich. Os pesquisadores do assunto, no entanto, não foram pegos de surpresa, já que desde 2008, pelo menos, já era conhecido o plano estadunidense de desestabilização da Ucrânia e a proposta de cerco à Rússia. O objetivo principal do Pentágono, nesse caso, seria neutralizar os mísseis russos a partir da instalação de um

escudo antimísseis próximo às suas fronteiras. Além disso, associado à Romênia, Turquia e Geórgia, a OTAN poderia assumir o controle do Mar Negro, encapsulando a Marinha Russa.

Segundo Martin (2019), a resposta do governo Putin culminou com a incorporação da Crimeia à Federação Russa em 2014 e o apoio deste país aos insurgentes que no leste ucraniano não aceitaram a implantação do governo pró-ocidental de Poroshenko. É importante lembrar que o mar Negro é a rota de acesso da Rússia ao Mediterrâneo e ao porto sírio de Tartus, onde existe uma base da Marinha Russa, a qual serviu de porta de entrada aos armamentos utilizados pelo governo sírio contra o conjunto de forças nacionais e estrangeiras que se levantaram para derrubar o presidente Bashar al-Assad.

Uma explicação mais completa dos interesses em choque aí colocados nos remete, portanto, necessariamente, ao exame de outra região em crise, aliás, a mais conflituosa do mundo há muito tempo, o Oriente Médio. Os países da periferia do sistema internacional não podem por si só enfrentar este novo desafio. Nesse sentido, o dilema proposto para essas sociedades encontra-se na disjuntiva de ou se aproximarem de China e Rússia com o intuito de defenderem sua soberania da agressão estadunidense, ou se subordinarem à potência hegemônica, na expectativa de receberem alguma espécie de compensação, no futuro, pela perda de sua soberania (MARTIN, 2019).

O cerco da OTAN sobre a Rússia

De acordo com Boniface e Védrine (2009b), a Rússia não aceita mais ser tida como desimportante como na década de 1990, contudo, o governo russo teme o poder militar estadunidense e sente-se encurralado diante da ampliação da OTAN (Mapa 2). Esta expansão estadunidense, encoberta por uma ideologia maniqueísta³, está presente também no território sírio, no entorno estratégico da Rússia e na rota de construção de gasodutos que atravessam o Oriente Médio, vinculando essa região à Rússia e à Europa. O ímpeto estadunidense para intervir na guerra civil síria está ligado, além disso, ao desejo de destruir regimes alternativos ao liberalismo e, mais ainda, à necessidade estratégica dos EUA de manter a sua influência militar nas extremidades da Eurásia, área do *Heartland* (MARTIN, 2019).

³ Filosofia dualística criada pelo filósofo Manes no século III, segundo a qual o mundo é dividido entre Bem (ou Deus) e o Mal (ou Diabo).

Em termos comerciais, a relação da Ucrânia com a Rússia até 2021 era marcada por uma complementaridade, com os parques industriais dos dois países sendo motores do crescimento econômico e importantes geradores de postos de trabalho. Por sua vez, a relação da Ucrânia com a União Europeia é marcada por uma interação tipo Norte-Sul, na qual a Ucrânia fornece produtos primários (sobretudo trigo e hidrocarbonetos) e importa bens industrializados.

Em 2019, as importações da Ucrânia foram lideradas por petróleo refinado (US\$ 4,3 bilhões), carros (US\$ 2,64 bilhões), medicamentos embalados (US\$ 1,84 bilhão), carvão (US\$ 1,76 bilhão) e gás (US\$ 1,49 bilhão). A Tabela 1 apresenta as principais origens das importações e os principais destinos das exportações do país naquele ano. A saber: China (US\$ 7,36 bilhões), Rússia (US\$ 6,62 bilhões), Alemanha (US\$ 5,33 bilhões), Polônia (US\$ 5,18 bilhões) e Bielorrússia (US\$ 4,14 bilhões) (OEC, 2022).

Tabela 1 - Importações e exportações ucranianas - principais parceiros (2020)

Origens das importações ucranianas		Destinos das exportações ucranianas	
1°	China (13,30%)	1°	China (13,8%)
2°	Rússia (12,00%)	2°	Polônia (6,19%)
3°	Alemanha (9,62%)	3°	Rússia (5,64 %)
R	Polônia (9,35%)	4°	Turquia (4,75%)
5°	Bielorrússia (7,48%)	5°	Alemanha (4,02%)

Fonte: OEC (2022).

De acordo com os dados disponíveis pelo *Observatory of Economic Complexity*, em 2020 o principal parceiro comercial da Ucrânia foi a China. A Rússia aparecia logo atrás, sendo a origem de 12% das importações ucranianas e o terceiro destino das exportações do país (OEC, 2022).

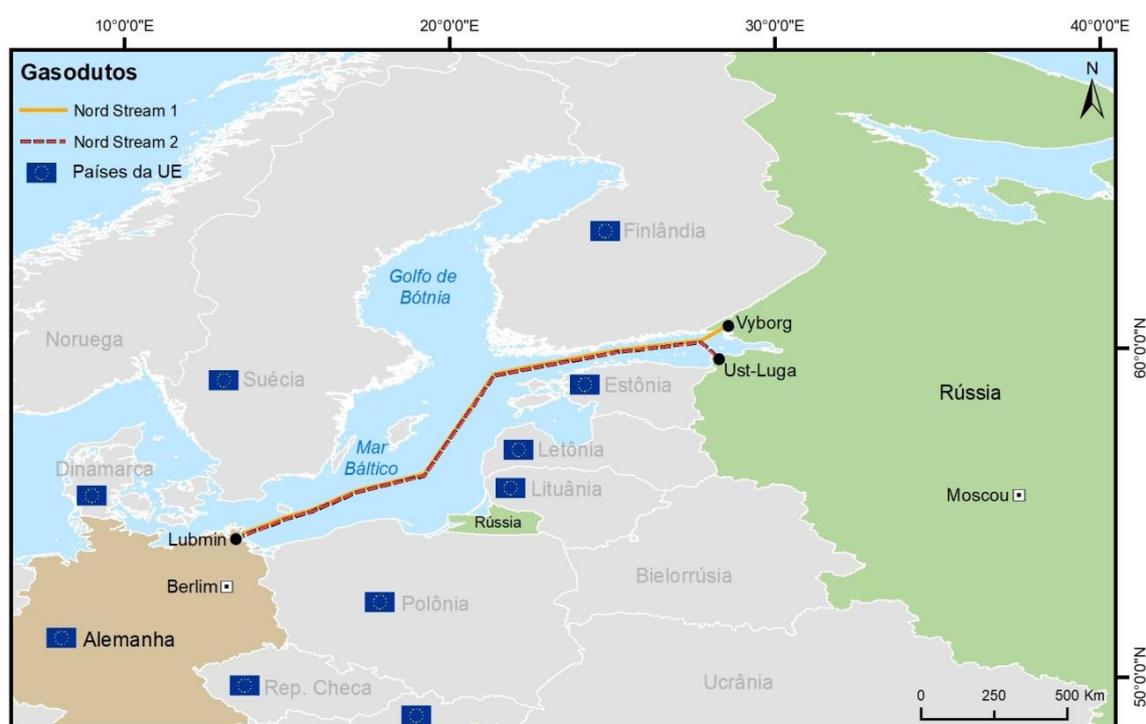
A geopolítica da energia e a disputa envolvendo o Nord Stream 2

O Nord Stream 2 (Mapa 3) é um gasoduto de 1.230 km de extensão, que passa pelo Mar Báltico, conectando a Rússia à Alemanha. Possui capacidade para transportar 55 bilhões m³ de gás por ano. A mesma capacidade do Nord Stream 1, que está em operação desde 2011. Com ambos, o volume de gás russo para a Alemanha/UE dobraria para 110 bilhões de m³ por ano.

A Rússia envia grande parte de seu gás para a Europa através da Ucrânia, mas os gasodutos Nord Stream 1 e 2 contornam o país. A entrada em funcionamento do Nord Stream 2 faria com que a Ucrânia perdesse 1,8 bilhão de euros em tarifas de trânsito que

recebe pelo gás que passa por seu território através de outros dutos. Nesse contexto, o governo ucraniano entende que está sendo punido por suas relações próximas com o Ocidente (BBC, 2022).

O Nord Stream 2 está pronto desde dezembro de 2021 e só aguarda a certificação para começar a funcionar. Os projetos sofreram a desaprovação de Ucrânia e Polônia, além dos EUA. Esta contenda deixa evidente que a geopolítica da energia é uma das causas por trás do conflito na Ucrânia. As tentativas da UE e da OTAN de incorporar o país escondem uma disputa que envolve interesses de grandes companhias de energia sediadas na Europa e nos Estados Unidos.



Mapa 3 - Trajetos do Nord Stream 1 e do Nord Stream 2

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

No que diz respeito aos interesses de empresas transnacionais no conflito entre Rússia e Ucrânia, cabe destacar o Grupo Burisma - maior empresa produtora de gás da Europa Oriental, cujo Conselho de Administração é composto por diretores independentes. Um deles, em especial, merece destaque: Hunter Biden, filho de Joe Biden.

Em abril de 2014, quando seu pai era vice-presidente dos EUA, Hunter Biden ingressou no Conselho de Administração da Burisma Holdings (cargo que ocuparia até 2019). Nesse mesmo período, Joe Biden, em visita à Ucrânia, pediu para o país reduzir a dependência energética em relação à Rússia. Assim, enquanto Hunter Biden assumia o

cargo de diretor do departamento jurídico do grupo, a Casa Branca se empenhava em “livrar” a Ucrânia de fontes de energia russas (WORLD OIL, 2017).

Nesse sentido, a nomeação do filho do então vice-presidente estadunidense para o importante cargo no Grupo Burisma foi uma nítida manifestação de nepotismo, ainda que tal denúncia seja negada pela Casa Branca. Não obstante, a aproximação estadunidense teve continuidade, sendo classificada como “relações semicoloniais com a Ucrânia” pelo cientista político russo Timofey Bordachev (WASHINGTON POST, 2014).

Já em 2016, o Procurador-Geral da Ucrânia, Viktor Shokin, deu início a uma investigação de corrupção contra o Grupo Burisma que revelou transferências milionárias irregulares que ocorreram da primavera de 2014 até o outono de 2015 da Burisma para a Rosemont Seneca Partners LLC, empresa pertencente a Hunter Biden. Entretanto, em março de 2016, Viktor Shokin foi demitido do cargo e as investigações foram encerradas. Em janeiro de 2018, no Conselho de Relações Exteriores, Joe Biden admitiu que durante uma visita a Kiev em 2016 exigiu de Poroshenko (presidente da Ucrânia de 2014 a 2019) a renúncia de Shokin caso a Ucrânia quisesse receber US\$ 1 bilhão de garantias de empréstimos dos EUA (THE HILL, 2019). Desse modo, são notórios os interesses financeiros e políticos que cercam o conflito entre Rússia e Ucrânia que tiveram seu estopim em fevereiro de 2022, levando o governo alemão a suspender a autorização para o Nord Stream 2 entrar em operação.

De acordo com Chomsky, o papel da OTAN, durante a Guerra Fria (1947-1989) era proteger os países da Europa Ocidental das tropas soviéticas. No entanto, após o fim da Guerra Fria, a missão da OTAN mudou. Desde então, sua missão não é mais proteger a Europa dos soviéticos, mas controlar a energia no mundo. “Eles controlam rotas marítimas e dutos de óleo e gás. São uma força interventora dos Estados Unidos” (REMARKS... 2014).

Para além da energia, o conflito ucraniano tem ainda a finalidade de servir como elemento desencadeador de uma corrida armamentista no planeta, em especial na Ásia, onde existem diferentes focos de tensões fronteiriças. Cabe destacar que o mercado bélico mundial é predominantemente controlado pelos EUA, com 39% das exportações de armas, enquanto a Rússia aparece em segundo lugar, com 19% (SIPRI, 2022).

Conclusão

Ao longo do presente trabalho foram elencados aspectos históricos e geopolíticos por trás do conflito desencadeado na Ucrânia em fevereiro de 2022. Foram elucidados elementos da disputa pelo controle do mercado mundial de energia, que envolvem interesses de grandes empresas estadunidenses. O texto apresentou uma narrativa a partir da Geografia Política e da Comunicação, que difere completamente daquela difundida pela mídia ocidental, que reproduz um discurso maniqueísta único aliado aos interesses dos Estados Unidos e disseminado por gigantes da comunicação.

O artigo apresentou a estratégia dos EUA de levar adiante uma guerra híbrida, cujos objetivos são influenciados pela teoria de Mackinder, contra a Rússia. Por fim, o texto detalhou a relação comercial entre Rússia e Ucrânia e o fornecimento de gás russo ao território europeu, com enfoque no projeto do gasoduto Nord Stream 2. Por outro lado, é importante frisar que para a Ucrânia a relação comercial com a Rússia é uma relação de complementaridade, já em relação a União Europeia é uma relação desigual padrão Norte/Sul. O que acabaria por gerar desindustrialização no país caso houvesse a consolidação da adesão à UE.

Após essa análise, pode-se concluir que a imprensa tem tido um papel crucial na deturpação da realidade e na construção de um imaginário coletivo pautado no Maniqueísmo. Em um mundo no qual os Estados Unidos se apresentam como os representantes do “Bem” e descrevem seus adversários como os representantes do “Mal”. Com isso, cria-se uma narrativa estapafúrdia que tem sido incrivelmente aceita como verdade absoluta em grande parte do globo.

The geopolitics behind the Ukraine conflict: the russian occupation and us interests in Europe

Abstract: On February 24, 2022, the Russian occupation of Ukrainian territory was launched. An issue of extreme complexity that was presented by the Western press manicheistically as the “Putin War”. The media version hides the interests of transnational companies in the energy sector, especially from the United States. Those groups compete with Russian companies in the international energy market. In view of the prevailing misinformation in the western media and the complexity of the issue, the present work presents an analysis of the Ukrainian conflict from the point of view of Political Geography and Communication. This is qualitative research, based on bibliographic analysis, enriched with thematic cartography, created by the authors with ArcGIS.

Keywords: Ukraine; Geopolitics; Russia; European Union; OTAN.

La geopolítica detrás del conflicto en ucrania: la ocupación rusa y los intereses de Estados Unidos en Europa

Resumen: El 24 de febrero de 2022 comenzó la ocupación rusa del territorio ucraniano. El tema de extrema complejidad pasó a ser presentado por la prensa occidental como la “Guerra de Putin”. La

estratégia de los medios de comunicación del occidente esconde el interés de empresas transnacionales, especialmente de los Estados Unidos, que compiten con empresas rusas en el mercado energético internacional. Ante la desinformación imperante en los medios de comunicación y la complejidad del tema, el presente trabajo presenta un análisis del conflicto ucraniano desde los puntos de vista de la Geografía Política y de la Comunicación. Se trata de una investigación cualitativa, basada en análisis bibliográfico, enriquecido con cartografía temática, creada por los autores con el software ArcGIS.

Palabras clave: Ucrania; Geopolítica; Rusia; Unión Europea; OTAN.

Referências

ADAM, Gabriel Pessin. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. Porto Alegre - RS: UFRGS. 2008. 273p.

BBC. Rússia x Ucrânia: o gasoduto vital ameaçado pelo conflito. **BBC News**. São Paulo, p. 1-1. 9 fev. 2022. Disponível em: [bbc.com/portuguese/internacional-60317372](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60317372). Acesso em: 13 jul. 2022a.

BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert. **Atlas des crises et conflits**. Paris: Armand Colin/Fayard, 2009a.

BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert. **Atlas do mundo global**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b.

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia - volume I**. Conceitos, teorias, doutrinas. Coimbra: Almedina, 2010.

ESPERIDIÃO, Cleidejane Silva. **Gigantes do telejornalismo mundial: mutações editoriais e tecnológicas das agências internacionais de notícias**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: Metodista, 2011.

FRANÇA, Alana Benini Luiz de. **Relações Ucrânia e Rússia pós-URSS: identidade e energia**. 56 f. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Relações Internacionais. Florianópolis, 2014.

GARCIA, Bruno. Extremistas ucranianos: de subalternos a institucionalmente legítimos. **Sputnik Brasil**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 25 mar. 2022. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20220325/neonazismo-ucrania-relativizado-21978711.html>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MARCHAND, Pascal. **Atlas géopolitique de la Russie**. Puissance d’hier, puissance de demain? Paris: Autrement, 2007. 80 p.

MARTIN, André Roberto. O “território” da geopolítica. In: **A necessidade da Geografia**. Contexto, 2019, p. 107-118.

MIELNICKZUK, Fabiano. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. In: **Contexto int.** n. 28, vol. 1, jun. 2006. p. 1-21.

MIELNICKZUK, Fabiano. **Reflexões sobre o presente e futuro da Rússia no contexto internacional**. Publicado pelo canal: Conexão Internacional - PUC Minas. 22 abr. 2022. (1:28:58). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dToe1M5-gEQ>. Acesso em: 20 jul. 2022.

OEC. The Observatory of Economic Complexity. **Ukraine**. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/ukr>. Acesso em: 23 mar. 2022.

REMARKS by Noam Chomsky on Ukraine and Russia from his talk at The Royal Society. Produção de British Academy. Realização de Royal Society. Londres, 2014. (7 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iq5IIDB-Ago>. Acesso em: 06 abr. 2022.

SECHAGUE, Juan David Otalara. Ucrânia Pós-Soviética a Luz da Geopolítica Crítica. **Estudios Internacionales**, Revista del Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile. Santiago, vol. 51, n. 192, ago. 2019. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-37692019000200131&lang=pt, acesso em: 28 de jun. de 2022.

SIPRI. **Arms Transfers Database 2022**. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/armstransfers>. Acesso em: 10 ago. 2022.

THE HILL. **Joe Biden's 2020 Ukrainian nightmare: A closed probe is revived**. Disponível em: <https://thehill.com/opinion/white-house/436816-joe-bidens-2020-ukrainian-nightmare-a-closed-probe-is-revived/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

VISENTINI, Paulo F. **Os paradoxos da Revolução Russa**. Ascensão e queda do socialismo soviéticos (1917-1991). Rio de Janeiro: Alto Books, 2017. 156 p.

WASHINGTON POST. 14 mai. 2014. **Hunter Biden's new job at a Ukrainian gas company is a problem for U.S. soft power**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/05/14/hunter-bidens-new-job-at-a-ukrainian-gas-company-is-a-problem-for-u-s-soft-power/?noredirect=on>. Acesso em: 20 jul. 2022.

WORLD OIL. **Burisma Group deploys most powerful drilling rig in Ukraine**. 22 set. 2017. Disponível em: <https://www.worldoil.com/news/2017/9/22/burisma-group-deploys-most-powerful-drilling-rig-in-ukraine>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Sobre os autores

Anna Leticia Gomes de Azevedo – Discente do curso de Bacharelado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Camilo Pereira Carneiro Filho – Graduado, mestre e doutor em Geografia. Professor Adjunto do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para avaliação em junho de 2022

Aceito para publicação em agosto de 2022